

PRÉMIO **LeYa** 2017

JOÃO PINTO COELHO

OS LOUCOS DA RUA MAZUR

Na Polónia ocupada por soviéticos
e alemães, o horror vem de quem
menos se espera.



PRÉMIO LeYa 2017

JOÃO PINTO COELHO

OS
LOUCOS
DA RUA
MAZUR

Ao Zé, à Linda, ao Pedro e à Sofia

PARIS, 2001

A montra negra da Livraria Thibault era a moldura mais respeitada da Rue de Nevers, um beco desconsolado que se escondia entre as costas de dois quarteirões do Quartier de la Monnaie e que, séculos antes, servira de esquadro às imundices das irmãs da Penitência de Jesus Cristo. A loja situava-se sob o arco que abria para o Quai de Conti e, para entrar, era necessário bater na vitrina. Isto se ele desse pelo sinal, o que não era garantido. Naquele domingo, o livreiro cego dirigiu-se ao recesso mais escuro da livraria e sentou-se à escrivaninha. O tampo estava vago, apenas papéis dispersos, uma telefonia a pilhas e um rosto num *passe-partout*, o rosto de Fidelia.

Estavam juntos havia quatro anos e ele lembrava-se da apoteose dos primeiros tempos: descontando as raras e breves ocasiões em que a rapariga visitava a mãe, nunca acordara sozinho. Como qualquer velho, invejava a imaturidade e embriagava-se com a juventude da amante. E depois Fidelia lia-lhe a todas as horas do dia. Imprevisíveis, as palavras da jovem surgiam-lhe de lugares distintos, adocicadas pelo sotaque platense, dando voz à multidão de livros que o rodeavam desde sempre como um coro de mudos. Na verdade, sempre escolhera as mulheres pelos olhos que não tinha. Só deixava que o aceitassem como amante se lhe prometessem

maratonas de leitura. Nunca se despedira de nenhuma com um livro a meio e só por uma vez deixara que o convencessem na hora de escolher o que ler. Fora Azurine, uma argelina de meia-idade, cuja paixão obcecada por Zola lhe adiara *Lolita* pela semana que levava a terminar *Germinal* – um ultraje! Houvera ainda Apolline, Doriane e Madalena. Apolline, a primeira, que se punha a arder quando o romance aquecia e o fizera devolver os Henry Miller que tinha na livraria; Doriane, a atriz, que invadia a imaginação do livreiro, arquejando como Desdémona às mãos de Otelo ou rindo-se da morte como a Bovary – outro ultraje, «os grandes livros dispensam essas coisas», dissera-lhe ele tantas vezes; e Madalena, filha de um português e de... Apolline, que, trinta anos depois, aquecia o lugar que fora da mãe, embora com mais equilíbrio entre as páginas e os lençóis. É claro que a vida dele não fora só romances, também a abrira a contos lidos numa noite, literatura de cordel que esquecia sem desgosto. Nunca cuidara das razões daquelas mulheres, porque o procuravam, porque se deixavam ficar. Talvez preferissem não ser vistas ao acordar, talvez adorassem ouvir-se com a voz dos livros.

Gostava de França e morreria em Paris. Resumia a sua vida todos os dias, mas não incluía os anos de juventude nem a tragédia que o fizera fugir. Preferia lembrar o recomeço, a chegada a Génova, o sopro dos freios do comboio. Contara cada segundo de silêncio após a abertura das portas e fora o primeiro a appear-se. O impacto dos sapatos no empedrado soara-lhe como tiros no cais vazio. Era só mais um judeu a escapar das cinzas. Atrás de si, outros trezentos de olhos relutantes, uma tapeçaria de caras estendida à porta de cada vagão. Nesse momento ouvira a campainha e voltara a contar os segundos. Mas nem então os gritos irromperam, só o som dos que saltavam da carruagem, os passos renitentes,

a roupa a raspar na roupa, as tosses dispersas a lembrar que a carga era humana. Sentira um encontrão e agarrara a mala azul com mais força. Lá dentro, papéis escritos que, dobrados, lhe caberiam na algibeira. Mas ele queria uma mala, com as mãos vazias pareceria um indigente, já bastava sê-lo. Não vira os companheiros curvados e cinzentos olhando em redor como se esperassem lobos. A chegada dos *carabinieri* tivera um efeito caótico, todos se espremeram uns contra os outros. Afinal era só para os levarem para a sala ao lado, uma espécie de refeitório inventado à pressa onde as cozinheiras pareciam enfermeiras. O ar devia vir todo das panelas, transpirado e temperado como sopa quente, e eles na fila a mastigar o cheiro com vergonha da bondade das mulheres.

Passara um mês e alguém o procurara no centro de acolhimento. Ao vê-lo, o homem apressara o passo idoso, chamou-o pelo nome, prometera tirá-lo dali, levá-lo para França e ensinar-lhe a língua pelas palavras dos mestres. Só então celebraram a dor do reencontro com um abraço que durou doze anos. Quando o homem morreu, ele partiu de Marselha, levando consigo a mala azul e dinheiro para comprar uma livraria em Paris.

Durante anos, ignorara a erosão do tempo, mas agora os dias repetiam-se cada vez mais iguais. Ultimamente os livros já não eram terminados e as visitas de Fidelia à mãe tornavam-se mais frequentes e prolongadas. O livreiro valia-se então das trivialidades que restavam, o que é natural quando a vida e o homem se vão despedindo por mútuo consentimento. Jerôme, o do café, continuava a aparecer às seis da tarde com a garrafa de *pastis* e dois copos na algibeira do avental. Bebiam durante os vinte minutos cumpridos à risca, quantas vezes sem palavras para trocar, até Jerôme sair para fumar no passeio e fechar o café.

Ele, que pensava muitas vezes nestas coisas, conformou-se por estar ali a um domingo, sentado à escrivaninha. Deu por si a tatear o rosto emoldurado da amante. Lembrou-se do dia em que a conhecera, mas já não do que sentira, e conformou-se outra vez.

Endireitou o retrato de Fidelity como se o pudesse ver.

Aquele era o único dia da semana em que a livraria encerrava ao público, mas nem isso o mantivera em casa. Na verdade, nos últimos meses, não se lembrava de ter passado um só domingo sem ser ali, exatamente ali, no recesso mais escuro da loja. Fidelity chegava cada vez mais tarde nas noites de sábado e passava o dia na cama, agoniada. Talvez fosse prudente resguardar a mãe de tais noitadas, sugerira ele um dia, mas arrependera-se de a ter provocado e prometera continuar cego.

Derrubou o retrato de Fidelity como se não o pudesse ver.

Então decidiu ouvir música. Com gestos pouco firmes, alcançou o rádio que servia de pisa-papéis e ligou-o. O som era fraco, de um acordeão, mas distinguiu perfeitamente o dedilhar de um contrabaixo no meio da estática. A amargura da música era quase festiva, e ele deixou-se contagiar e cantou baixinho, parecia um rumorejo, como se respondesse aos instrumentos com coisas que não deveriam ser escutadas. A meio da terceira canção, soaram duas pancadas na vidraça. Não poderia ser Fidelity, já que, mesmo ressuscitada, nunca apareceria na loja a um domingo. Por isso ignorou a visita e retomou o diálogo. Mais pancadas, impacientes. Ergueu instintivamente o rosto e continuou impassível. A seguir, nada, apenas a música a extinguir-se para dar voz ao locutor. Porém, uma hora depois, ouviu o barulho apressado de duas voltas de chave e soube que o fim da manhã estava condenado. As desculpas castelhanas de Fidelity irromperam pela livraria, mais o som de uma carteira atirada com força para trás do balcão.

Obviamente não vinha só, ele distinguiu outros passos, passos de homem.

– *Perdóneme* – desculpou-se Fidelia, afogueada. – Vim a pé. Espere um pouco, ele deve estar no fundo da loja.

O visitante olhava para todo o lado, parecia nem dar por ela, enquanto o livreiro esperava que a amante se aproximasse.

– Despacha-te – sussurrou a rapariga. – Ele telefonou-te, tinhas acabado de sair. Quer falar contigo, mexe-te, diz que é importante.

O cego levantou-se devagar sem desligar o rádio.

Caminhando à sua frente, Fidelia começava finalmente a despertar:

– Tirou-me da cama, *cabrón*, já sabia que não lhe abrias a porta. – Quando chegaram ao vestíbulo, Fidelia forçou um sorriso. – O meu marido.

O livreiro, que não era marido dela, estendeu a mão, indiferente à localização do outro. O visitante deu três passos em frente e apertou-lha quase de raspão.

Nenhum disse nada.

– Sentem-se – disse Fidelia, apontando ao desconhecido umas cadeiras ao lado do balcão. E eles sentaram-se. Nesse momento o visitante fez sinal à rapariga para que se aproximasse e segredou-lhe qualquer coisa. – Ah, sim? Não calcula o favor que me faz. Passe bem! – declarou ela, antes de beijar o amante na cabeça, agarrar a carteira e esbofetear aquilo tudo com a porta da rua, deixando os dois sozinhos na livraria.

O homem observou minuciosamente o dono da loja, antes de falar:

– Continuas bonito. – Um silêncio prolongado. – Velho, mas bonito.

O livreiro apontou o olhar cego ao rosto do desconhecido, falhando por um palmo.

Como ninguém subira o estore da montra, estava escuro. Meia dúzia de nesgas paralelas da rua adormecida, seis lâminas de luz a trespassarem o pó da livraria como páginas de memórias em suspensão; não fosse o som metálico do rádio a pilhas, um mero retrato a sépia com dois velhos. Até que o visitante tornou a falar:

– Sim, sempre bonito.

A expressão vaga do dono da loja deixou de procurar o rosto do outro e isso fê-lo parecer ainda mais cego.

O desconhecido sorriu, continuando a percorrer sem pressa a figura gasta que tinha à frente.

– Não foi fácil encontrar-te. Sempre soubeste mover-te no escuro.

– Os mortos não voltam – disse o livreiro, como se não o tivesse ouvido. As cadeiras encontravam-se frente a frente, acareadoras, e rangiam como os anos que carregavam.

– O que é que queres de mim, Eryk?

Eryk, que ainda não estava preparado para responder, foi à procura de tempo:

– A última vez que ouvi falar de ti vivias na Provença, estava tudo ainda fresco. Não contava dar contigo em Paris... – interrompeu-se, olhando em volta – enterrado numa livraria; casado com uma espanhola que tem idade para ser tua neta.

– Argentina. Fidelia é argentina. E não estamos casados, não acredites em tudo o que vês. Deitamo-nos juntos, é verdade, mas é só para que me leia na cama.

– Não me vais perguntar o que é feito de mim?

– O que há a perguntar sobre Paul Lestrage? Escreves livros, normalmente livros soberbos, e és cidadão belga certamente porque te envergonhaste de ser polaco. Sei que te fartaste de Paris e foste viver para Bruxelas onde és tão conhecido como aquele menino que faz chichi. E, mesmo assim,

andei a ler-te às cegas durante vinte anos. As mulheres da minha vida não ligam às badanas, é a melhor explicação. Só percebi quem estava por detrás do pseudónimo por causa dos comentários de um cliente. Mas a culpa é minha, como é que não te descobri naquela escrita? Estava lá tudo, *merde!* De resto, sem surpresas, já sabia que podias dar em escritor. Também não estranhava se te descobrisse no metro com as calças mijadas a vender rimas, até calhava melhor com o teu feitio. Tornaste-te perseverante com os anos, é natural. E agora? Que queres de mim?

Eryk desviou o olhar do amigo e fixou-o na primeira coisa que encontrou, uma banqueta, não era importante.

– Não nos resta muito tempo, tu sabes.

– Estou velho – rosou o cego. – Só preciso do tempo que já vivi.

– Perfeito. É desse que ando à procura.

– Vieste ao lugar errado.

– Raios te partam, Yankel... – disse Eryk, como se o afa-gasse. – Tens coisas que me pertencem.

– Falas das sombras, Eryk? Os anos gastam-nas, não sobra nada.

– Mentas! – exasperou-se o visitante. – Mentas como um canalha! – Ergueu-se num impulso e amaldiçoou-se por perder a compostura, era cedo para isso; voltou a sentar-se.

O olhar vazio de Yankel expandiu-se num sorriso, o primeiro do dia. Levantou as mãos à altura da cabeça e mostrou a Eryk um esgar de epifania:

– Cáspite! Eryk, vindo dos mortos, rasga as vestes como o seu Yeshua¹ para reclamar do amigo de infância o seu quinhão de verdade. – Com a mesma espontaneidade, perdeu o

¹ O nome hebraico de Jesus.

sorriso. – Vai-te embora, Eryk. Vamos acreditar que este dia foi um lapso na ordem natural das coisas. Acontece.

O visitante abanou a cabeça, não estava pronto para desistir. De qualquer maneira, sempre soubera que não iria ser fácil, caso contrário já o teria feito muito antes. Afinal, aquele era o encontro que protelava havia tantos anos. Mesmo sem nunca o ter confrontado, conhecia as mágoas de Yankel uma por uma.

– Nunca pensaste em procurar-me? – perguntou ao livreiro.

– Que interessa o que pensei? No fim, só conta aquilo que fazemos – concluiu Yankel. – Acaba com isto, Eryk, diz de uma vez por todas o que te trouxe aqui.

Eryk soube que era a altura certa:

– Um livro.

O cego hesitou um momento antes de ripostar:

– Normalmente é o que me pede quem entra por essa porta.

– Este está por escrever.

Como Yankel sentiu uma aragem de desconfiança, levantou-se tateando os obstáculos até chegar ao balcão. Apoiou os braços cruzados no tampo de madeira e esperou pelo outro. Não quis mostrar pressa.

Agora de costas para o livreiro, Eryk falou:

– Vim a pé do Hotel Crillon, é um pulo. E mesmo assim demorei duas horas. Parei cinco vezes à procura de um quarto de banho. Cinco vezes, Yankel. E nem sequer consegui mijar. Cada dia é pior do que o anterior, isto está a acabar. – Ao dizê-lo, foi ter com Yankel. Deixou-se ficar imóvel e tão perto dele que não precisou de mais do que um sussurro para dizer porque estava ali. – Passei a vida a inventar livros, e em cada um ensaiei o único que queria escrever. É agora, já não posso esperar mais. Mas preciso de ti, não sou capaz de fazer isto sozinho.

Yankel rechaçava cada uma das conclusões que aquele discurso disparava sobre si. Sabia o que Eryk queria, mas havia muito que calara o passado. Ninguém o faria regressar, nem mesmo ele. Por isso, afastou-se do balcão e dirigiu-se para a saída.

– Não sabes o que me pedes – disse, abrindo a porta da rua.

Eryk aproximou-se e parou no vão escancarado sem olhar para o livreiro. Só então deu um passo em frente. Já lá fora, declarou:

– Eu volto. No próximo domingo.

*

Assim que acordou no seu apartamento da Rue de Buci, Yankel lembrou-se de que passara uma semana. Dormira a espaços e mal se recordava das duas páginas que Fidelia lhe lera ao deitar. Ouvia-lhe o respirar pesado e perguntou-se se deveria acordá-la. Por um lado, dispensava a sua presença na livraria; por outro, queria tê-la perto nesse dia. Tentara explicar-lhe na noite anterior, mas não fora fácil, nem ele sabia que amparo esperava da rapariga caso Eryk lhe aparecesse à porta. Deixou-se ficar deitado, às voltas com a dúvida. Talvez detestasse ser encontrado assim, sozinho numa livraria a um domingo. Era cego de nascença e a compaixão deteta-se melhor às escuras; não a suportaria, muito menos naquele encontro. E foi isso que o levou a decidir. Num impulso, sacudiu a jovem e deu-lhe as instruções: bastava estar lá para o receber, a seguir era com ela, que se enfiasse na cama para sempre! Quando se levantou, deixou-a a refilar com os lençóis. Meia hora depois, já dera a volta ao quarteirão com o *jack russel Armand* deixado por Madalena no dia em que se cansara de uma vida de braço dado. Então, esperou por Fidelia

no lugar habitual, à beira do quiosque do Boulevard Saint-Germain. Sentiu o *Poison* da amante ainda antes de o cão retesar a trela e estendeu-lhe o cotovelo para não parecer mal. Ela agarrou-o e foi assim que Yankel a conduziu até à loja. Nem uma palavra trocaram. Quando chegaram, e antes de entrarem na livraria, sentaram-se no Café Jérôme para o pequeno-almoço. Fidelia comeu uma torrada e descascou duas tangerinas que trouxera no bolso. Antes de ele pagar, partilharam o café; à mesa pareciam íntimos. Então, o velho foi abrir a loja enquanto ela fumava o primeiro cigarro do dia. Baixou-se para içar o estore de ferro e libertou *Armand* da coleira. Pendurou o sobretudo atrás do balcão e, lembrando-se de um assunto que andara a adiar, dirigiu-se a uma estante para correr com as pontas dos dedos a prateleira mais alta. Aí estava ele, reconheceu-o à primeira, *Le dernier homme*, de Blanchot, uma edição raríssima da Gallimard que mencionara a um cliente e se preparava para vender por três mil e quinhentos francos. Não, três mil e não se falaria mais nisso, até porque era um dos que não teimava em conservar para si mesmo. Assim que retirou o livro, encaminhou-se para a escrivaninha ao fundo da loja. Ia a meio caminho quando deu pela entrada de Fidelia.

– O Blanchot! – gritou-lhe ela, enquanto pisava a prisca na soleira. – Não te esqueças do Blanchot.

Yankel não respondeu, e ela não voltou a lembrá-lo. A manhã passou devagar. O livreiro percorreu a loja várias vezes, fez dois telefonemas pessoais, saiu para beber um chá, pôs ordem nas prateleiras e sentou-se ao lado de Fidelia, enquanto colocava as pequenas marcas adesivas com que dava nome às lombadas acabadas de chegar. Só ele conhecia aqueles sinais que construía com pequenos troços de esparguete perfilados entre dois pedaços de fita-cola.

Engenhoso, diziam os clientes, e para mais nunca vira um código de barras.

Passava do meio-dia quando o destemido *Armand* se embrulhou temeroso nos pés do livreiro. Não era dia para clientes, e Yankel, que passara a manhã a pensar em Eryk, levantou-se de um pulo. Reconheceu imediatamente a voz que cumprimentava Fidelia. Ao aproximar-se, percebeu que o amigo viera acompanhado e preferiu aguardar um momento atrás do biombo para as primeiras impressões. Concentrou-se na sobriedade da terceira voz, uma voz estranha, voz de mulher, áspera de idade e de tabaco, a aplacar com cortesia os agudos da sua amante. Cheirava a perfume caro – não que o usasse, seria apenas da convivência, o que era ainda mais chique.

Nesse momento, protegido pelo dono, o cãozinho já dobrara a envergadura e roçagava as pernas das visitas rilhando o dente.

Foi então que Yankel deu um passo adiante.

– Ah! – cumprimentou Eryk. – A hora é má, desculpa.

Yankel estendeu-lhe a mão.

– Isso é o menos – afirmou. – Aqui dentro contamos o tempo de outra maneira. Tenho a certeza de que percebe o que quero dizer, Madame...

– Lestrange – apresentou-se ela, fixando a expressão surpreendida do livreiro. – Vivienne.

– Sim – confirmou Eryk. – É a minha mulher. E, mais importante, minha editora já lá vão quarenta anos.

– *Parbleu!* – exclamou Yankel. – E como prefere que a considere, Vivienne?

Ela não fez caso daquele vestígio de troça.

– Não me queira a decidir por si, Monsieur. Seria um mau precedente, tendo em conta o que aqui nos traz.

O livreiro encolheu os ombros.

– Previsível... Eryk nunca me facilitou a vida. Mas chame-me Yankel!, esqueça o *monsieur*. Só me trata assim quem me quer irritar.

– O Yankel é um plebeu. Nunca te esqueças disso – disse o escritor à mulher.

– Não lhe dê ouvidos – desdenhou o cego. – O Eryk nunca acreditou que a Terra se move. Meio século de Paris é muito tempo, já sei viver com bons modos.

– Não me digas?! – exclamou o escritor. – Espero que te sobre alguma acutilância, caso contrário viro-te as costas porque já não me serves.

– Se ainda se irrita, serve – declarou a mulher, antes de olhar em redor à procura de uma cadeira. Descobriu quatro, postas à volta de uma mesa de chá, e deixou-se cair na mais próxima, de costas para os homens. – Desculpe, estava morta por me sentar. Eryk acha ultrajante andar de carro em Paris.

– E tem razão – corroborou Yankel. – Digo-lho eu, que nem sequer gozo as vistas.

Nessa altura, dever cumprido e antevendo uma tarde entediante, Fidelia desculpou-se, pegou no cãozinho e foi almoçar.

Composto o trio, Yankel abeirou-se da mesa.

– Faça-lhe companhia, Madame – disse, ao sentar-se. – Eryk, oferece uma bebida à senhora e junta-te a nós.

Eryk olhou à sua volta até descobrir meia dúzia de garrafas e outros tantos copos pousados na sombra de um nicho e quase escondidos por um busto de Maupassant. Verteu um dedo de *brandy* no único copo sem pó, o que o levou a pensar que o livreiro não devia receber muitas visitas. Lembrando-se do que o levara ali, preferiu ser prudente e não se serviu.

– Bebes? – perguntou ao anfitrião.

– Senta-te – retorquiu Yankel, ignorando a pergunta e virando-se ostensivamente para Vivienne. – Dá-me licença que seja eu a desbravar o caminho?

O escritor sentou-se e pousou o copo à frente da mulher.

– Somos três velhos à mesa – disse ela. – Ninguém se pode gabar de ter tempo a perder. Avance.

– Então deixe-me ser indiscreto. Diga-me, Vivienne, ainda sente ciúme quando o Eryk se vê ao espelho? – A editora olhou para ele, mas ficou calada. – Faça um esforço. Estou a falar do reflexo luminoso do seu marido, aquela personagem estupenda que Eryk ama acima de todas as coisas.

– O meu marido não mudou grande coisa, mas perdeu alguma presunção. A escrita fez-lhe o que a vida não conseguiu, talvez esteja mais lúcido, talvez já torça o nariz ao espelho.

– Era o que eu pensava. O Eryk que eu conheci não precisava de mim para escrever um livro, nem de si para me convencer. É para isso que aqui está, não é, Vivienne?

Se Yankel pudesse ver, talvez reparasse no trejeito divertido que o escritor trazia ao canto da boca.

– Engana-se – reagiu ela. – Façam os vossos jogos de cintura, ofendam-se se valer a pena, mas resolvam isto sem mim. Caso decidam avançar, então, sim, eu instalo-me entre os dois e faço-vos a vida negra.

Ambos os homens permaneceram sentados e calados. Ela, de perna cruzada, provou a bebida. Lá fora, o som de um autocarro que passava fez vibrar a vidraça da montra. Um autocarro numa manhã de domingo em Paris. Vivienne pensou nas pessoas que lá iam; Eryk olhou para as unhas.

Mas foi Yankel quem falou:

– Digam o que diabo esperam de mim.

Vivienne pousou o copo e cruzou os braços.

Era a vez de Eryk.

Poucos homens escolhem como morrer e ele estava ali para isso. Mas não queria morrer só e chamara por Yankel, precisava de o ter ao lado para escrever o seu epílogo. Por isso se preparara; ensaiara aquela manhã vezes sem conta; e agora, naquele lugar, num bricabraque de livros e antiqua-lhas, só conseguia divagar sobre os nichos da loja, o estojo de clarinete em cima dos alfarrábios, as águas-fortes que o livreiro comprava no *marché* Paul Bert para agradar às concubinas e que ficavam penduradas nas pilastras da livraria muito depois de elas partirem. Havia ainda o desenho a lápis de uma mulher nua. O traço grosso, colérico, e a mulher, sentada de frente, devassa, seria Fidelia; era Fidelia. Foi quando Eryk olhou para Yankel. Que restava daquele velho? Ainda escutaria os gritos ou abafara-os no colo das amantes? Por si, tudo bem, sabia o que ali o levava e podia agarrar-se a isso. A alternativa era virar costas e morrer com as dores de sempre.

– Quero-te ao meu lado para me contares o que aconteceu – disse, neutral.

– Já foi contado – informou Yankel.

– Sem rostos. Faltam os rostos.

– Uma ausência sem remédio, no que me diz respeito – lembrou o cego.

– Não interessa, sabes outras coisas.

– Diz a verdade, Eryk. Tu estiveste lá – desafiou Yankel.

– Mas tenho a certeza de que fechaste os olhos, não foi? Até hoje. Não tens coragem de te enfiar no meio de homens que estão a morrer e escrever o que vês. E agora, sublime ironia, pedes a um cego que te encontre as imagens.

– É nisso que acreditas?

– Sempre é mais lisonjeiro do que chamar-te cobarde. Do que dizer-te que precisas de mim porque estás do lado dos culpados.

Eryk, que previra aquela acusação vezes sem conta, não contestou. Só lhe restava usar a censura de Yankel como arma de negociação.

– Não tenciono apagar pecados, se é isso que queres saber.

Yankel percebeu que não tinha a que se agarrar. Claro que tudo lhe aconselhava um não rotundo, mas sabia que aquela era uma porta que deixara entreaberta. Eryk lembrara-lho e, na sua idade, já não teria tempo para voltar a esquecer-se.

– Acha que nos pode dar uma resposta agora? Uma resposta definitiva. – O pragmatismo da editora fora jogado no momento exato e Yankel quase fraquejou.

– Como o farias? – perguntou ele a Eryk.

– Contar tudo. É capaz de não ser tão destrutivo.

Teria Yankel esmorecido naquele momento? O amigo jurou que sim.

– E qual seria o meu papel nas tuas crónicas? – insistiu o livreiro.

– És uma personagem como as outras. Mas estás ao meu lado enquanto te conduzo.

– Enquanto me conduzes? – sorriu Yankel. – E que diabo te leva a pensar que estou disposto a isso?

– Qual é a alternativa?

O livreiro quis tempo para pensar, mas, mais uma vez, foi Vivienne a lubrificar a conversa:

– Há uma solução – afirmou ela, virando-se para o escritor.

– Escreves a duas vozes. Já o fizeste e saíste-te bem.

Eryk ia contestar, mas calou-se. Conhecia a mulher, havia um tom imperativo na sua sugestão, como se a trouxesse congeminação para a apresentar na melhor oportunidade. Então, decidiu ser cínico:

– És a editora, talvez possas sugerir o modelo.

– Tu é que sabes o que esperas de Yankel. Se só queres mais um boneco para o teu livro, viemos aqui perder tempo. Se pretendes mais do que isso, é simples: quando te faltar a palavra, dá-lha. Assim mesmo, na primeira pessoa. E no presente do indicativo, já agora.

Eryk sentiu-se encurralado e irritou-se, aquilo não era fruto da ocasião: como de costume, Vivienne sabia ao que vinha, nunca alvitrava de improviso. Só não percebeu porque esperara por aquele momento, porque o encostava à parede. Yankel, que continuava a ler nas entrelinhas, tomou o peso à respiração cavada do amigo e resolveu pedir explicações:

– No presente? Porquê?

Vivienne ouviu-o e ficou calada. Puxou de um cigarro, colou-o aos lábios e procurou qualquer coisa nos bolsos, um isqueiro, uns fósforos... Não achou nada, parecia frenética. Então esqueceu o que estava a fazer e arrancou de chofre o cigarro da boca para dirigir a resposta ao marido:

– Não há nada mais verdadeiro do que o agora. Põe Yankel a discursar no presente, tira-lhe o tempo de reflexão.

– Talvez eu tenha uma palavra a dizer – sugeriu o livreiro.

– Não necessariamente – ripostou Eryk.

– Uma autobiografia não autorizada? – comentou Yankel, divertido. – Sim, tu eras bem capaz disso.

– Não viemos aqui para o pôr em xeque – declarou a mulher. – O Eryk explica-lhe como se pode fazer.

– Dando ouvidos à minha editora, tu falas e eu escrevo o que dizes – esclareceu Eryk, sem convicção.

– Não tenho voz literária, ia escangalhar-te o romance.

– Tu falas, eu componho. Preferes assim?

Yankel encolheu os ombros.

– E tudo o mais é contigo – deduziu. – A recapitulação e as conclusões. Um acordo justo, portanto.

– Um acordo lícito, o romance existe para lá dos teus instantâneos. Mas não fecho um capítulo sem ouvir o que tens a dizer – disse Eryk, virando-se a seguir para a mulher: – Não sei se era nisto que estavas a pensar, mas é a minha melhor oferta.

Yankel conseguiu atingir a expressão incomodada de Eryk com o seu olhar inútil. A telepatia absurda que se gerou colocou os dois homens num lugar distante. Era ali que iriam permanecer nas semanas seguintes e ambos pediram a Deus que lhes perdoasse pelo que iam fazer.

*

– Quero começá-lo pela inocência – declarou Eryk, passando a mão pelo cabelo que esvoaçara com a aragem.

O *Patio* do Crillon estava convenientemente deserto às quatro horas da tarde de sábado. A mesa dos três encontrava-se a um canto. Era quadrada, e o escritor mandara levantar a toalha; bastava a chávena manchada com o batom de Vivienne, uma garrafa de água gelada e dois copos.

A editora olhou para o marido por cima dos óculos, parando a chávena à beira dos lábios.

– Isso quer dizer o quê? – perguntou.

– Aquilo que ouviste. Preciso de um preâmbulo de pureza, tem de haver crianças. Uma coisa tão virginal como um conto de fadas.

– Bom, depois das experiências dos teus últimos livros, os leitores não podem alegar quebra de confiança – sorriu ela, antes de acabar o café. – Qual é o pretexto, desta vez?

– As últimas páginas vão ser obscenas – disse Eryk. – A inocência é crucial. Sem ela nenhum leitor aceita o absurdo do desfecho.

Vivienne não fez mais perguntas. Em vez disso, debruçou-se e tirou de uma pasta algumas folhas de papel em branco e um gravador de bolso. A seguir, virou-se para Yankel.

– Importa-se? – perguntou-lhe. – É um gravador.

O livreiro condescendeu com um aceno indiferente.

– Por onde pensas começar? – perguntou a Eryk.

– Pelos cogumelos. – Yankel mexeu-se na cadeira. – Incomoda-te?

O cego não conteve uma gargalhada.

– És um cínico, Eryk. Aceitei o teu convite para ir ao inferno. Não me faças perguntas tolas. – Então virou-se para Vivienne: – Ponha isso a trabalhar. Agora sou eu que estou com pressa.

Eryk encheu um copo de água e bebeu-o de um trago.

– Estás por tua conta – afirmou.

– Fale como lhe der na cabeça – reforçou a editora, ligando o gravador.

E Yankel recuou até onde lhe pediam. Ficou por ali durante o tempo de que precisou, até saber o que tinha de ser dito. Sorria.

– O Eryk era um criativo – começou. – E todos os criativos têm um lado insuportável. Mais tarde ou mais cedo, passa-lhes pela cabeça que são capazes de nos emprestar a imaginação, e nessa altura há que fugir deles. Um dia caí na asneira de lhe dizer que gostaria de saber como era o verde. A partir daí, achou-se capaz de me explicar as cores. Usou analogias prodigiosas, outras dolorosas, como quando me deu uma bofetada para que eu imaginasse uma mancha vermelha na cara. Comparava todas as cores com o preto, porque o preto eu tinha de conhecer. E, se não conhecesse, que me concentrasse. – Nesse instante, Yankel rodou o rosto na direção de Eryk. – Não adiantava dizer-te que os meus olhos

viam o mesmo que os teus calcanhares, não tiveste imaginação suficiente. Ah, mas insististe, insististe tanto que cheguei a acreditar. Até ao dia em que te mandei à fava mais as tuas crueldades.

